

Atena
Editora
2019

**Denise Pereira
(Organizadora)**

Diversidades: Diferentes, não Desiguais 3



Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidade: Diferentes, não Desiguais 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais 3 /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-092-6

DOI 10.22533/at.ed.926190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE – NARRATIVAS QUE ROMPEM COM AS FRONTEIRAS DA IDENTIDADE	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macedo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.9261905021	
CAPÍTULO 2	14
COMUNIDADE QUILOMBOLA CONTENTE: TRAÇOS DA MEMÓRIA	
Francisca das Chagas da Silva Alves Maria Jorge dos Santos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.9261905022	
CAPÍTULO 3	25
DO CANDOMBLÉ ÀS CIÊNCIAS MÉDICAS: CUIDADO, CURA E EDUCAÇÃO MÉDICA SUSTENTÁVEL	
Luysa Gabrielly de Araujo Moraes Regina Moraes da Silva Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.9261905023	
CAPÍTULO 4	34
ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE: RACISMO E SEXUALIDADE EM ANJO NEGRO DE NELSON RODRIGUES	
Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.9261905024	
CAPÍTULO 5	45
FRUIÇÃO E MAGIA: DO SILENCIAMENTO À VISIBILIDADE NEGRA NA LEITURA DE LIVROS DE LITERATURA DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Sara da Silva Pereira Vanessa de Senia Monteiro Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.9261905025	
CAPÍTULO 6	55
MÍDIA E NEGRITUDE: O USO DOS FILMES NA (DES) CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS	
Izaque Pereira de Souza Teresa Kazuko Teruya Wellington Junior Jorge	
DOI 10.22533/at.ed.9261905026	
CAPÍTULO 7	67
O RISO E O LÚDICO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA AFRO-BRASILEIRO NOS POEMAS SATÍRICOS DE LUIZ GAMA	
Josineide Carvalho Costa Herasmo Braga de Oliveira Brito	
DOI 10.22533/at.ed.9261905027	

CAPÍTULO 8 79

PRECONCEITO RACIAL VIVENCIADO PELA PERSONAGEM CLARA DOS ANJOS NO ROMANCE HOMÔNIMO DE LIMA BARRETO

[Leonice Rosa da Cunha Abreu](#)

[Zenaide Lima de Sousa](#)

[Elio Ferreira Souza](#)

DOI 10.22533/at.ed.9261905028

CAPÍTULO 9 82

RELAÇÕES SOCIAIS DO BRASIL: DO COMÉRCIO ESCRAVISTA DO SÉCULO XVIII AO COMÉRCIO SOLIDÁRIO DO SÉCULO XXI

[João Batista Romualdo Alves](#)

DOI 10.22533/at.ed.9261905029

CAPÍTULO 10 87

UMA ÁFRICA VIVA EM SALA DE AULA: OFICINAS DE AFROSABERES

[Hinara Dias Juca](#)

[Leididaiane Inácio de Sá](#)

[Ana Técia de Lima](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050210

CAPÍTULO 11 95

VIDA E MORTE QUILOMBOLA

[Adelmir Fiabani](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050211

CAPÍTULO 12 109

LA LECTURA INMAGÉTICA VIRTUAL IDEOLÓGICA Y GLOBALIZADA DE ÁFRICA

[Sérgio Rodrigues de Souza](#)

[Liliane Rodrigues de Araújo](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050212

CAPÍTULO 13 116

VISÕES CRÍTICAS SOBRE O PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA COM BASE NAS AÇÕES AFIRMATIVAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS

[Cláudio José Araújo Silva](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050213

CAPÍTULO 14 124

CORPOS DEFICIENTES E DIFERENTES: DISCURSO SOBRE A DIVERSIDADE E A POLÍTICA DE INCLUSÃO NO PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

[Terezinha Richartz](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050214

CAPÍTULO 15 133

HISTÓRIA, AÇÕES E REPERCUSSÕES DO PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA

[Deyse Morgana das Neves Correia](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050215

CAPÍTULO 16	147
INTERFACES DAS PRÁTICAS DOCENTES COM A LEI 10.639/2003 NO IFCE/CAMPUS JUAZEIRO DO NORTE	
Maria Virilândia de Moura Luz Erivana D’Arc Daniel da Silva Ferreira Rosilêa Agostinha de Araújo Marcus Vinicius de Oliveira Brasil	
DOI 10.22533/at.ed.92619050216	
CAPÍTULO 17	157
NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES: COMO A ESCOLA CONTEMPORÂNEA LIDA COM ISSO	
Angela Maria Venturini Emília Naura Santos Bouzada Alexandra Sudário Galvão Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.92619050217	
CAPÍTULO 18	167
NOTAS PARA O DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO E FORMAÇÃO DOCENTE	
Patrícia Fernanda da Costa Santos Luciélío Marinho da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.92619050218	
CAPÍTULO 19	182
O JOGO MANCALA – UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR PARA UMA ABORDAGEM EM HISTÓRIA DA MATEMÁTICA	
Denise Aparecida Enes Ribeiro José Augusto Pereira Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.92619050219	
CAPÍTULO 20	189
PROJETO PEDAGÓGICO, CONCEPÇÕES E FUNDAMENTOS DE EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DE ESCOLA DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SANTA RITA	
Daniele De Souza Farias	
DOI 10.22533/at.ed.92619050220	
CAPÍTULO 21	203
O CORPO NA EXPOSIÇÃO “BOSQUE” DE VELICASTELO	
Guilhermina Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92619050221	
CAPÍTULO 22	212
LEITURAS DO CORPO EM TRÊS OBRAS DE HELONEIDA STUDART	
Juliana Braga Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.92619050222	
CAPÍTULO 23	222
MÍDIA E POLÍTICA: A LEGITIMAÇÃO DO SEXISMO	
Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves Joselito Santos Tatiana Cristina Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050223	

CAPÍTULO 24	228
A EXTENSÃO COMO POTENCIALIDADE NA DES/CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS	
Cláudio Orlando Gamarano Cabral	
Marilda de Paula Pedrosa	
Michele Priscila Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050224	
CAPÍTULO 25	234
“NOVO MUNDO”: ENTRE A CARICATURA E A VEROSSIMILHANÇA	
Maria Luand Bezerra Campelo	
Vanessa de Carvalho Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050225	
CAPÍTULO 26	244
ESTÉTICA DA DISSIMULAÇÃO: A ESTÉTICA PERIFÉRICA DE MACHADO DE ASSIS	
Natalino da Silva de Oliveira	
Joelma de Fátima da Costa Neves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.92619050226	
CAPÍTULO 27	254
LUTA E RESISTÊNCIA NA TRAJETÓRIA DE JOÃO NERY: [TRANS]PASSANDO A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA	
Rafaela Costa de Azevedo	
Michelly Pereira de Sousa Cordão	
DOI 10.22533/at.ed.92619050227	
CAPÍTULO 28	267
O ABC DE PATATIVA DO ASSARÉ ENSINANDO SOBRE MEMÓRIA E TRADIÇÃO NO NORDESTE FLAGELADO	
Eduarda Maria Moreira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.92619050228	
CAPÍTULO 29	277
NO SEU PESCOÇO, UMA ANÁLISE DO DISCURSO NO CONTO DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE	
Solange Maria Morais Teles	
Rebeca de Alcântara e Silva Meijer	
Antonia Leda Morais de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.92619050229	
CAPÍTULO 30	285
IDENTIDADES AO LÉO: UMA LEITURA DE “PONCIÁ VICÊNCIO” E DE “O VENDEDOR DE PASSADOS”	
Leonardo Gomes de Souza	
Lídia Maria Nazaré Alves	
Fernanda Soares Wenceslau	
DOI 10.22533/at.ed.92619050230	
SOBRE A ORGANIZADORA	293

LA LECTURA INMAGÉTICA VIRTUAL IDEOLÓGICA Y GLOBALIZADA DE ÁFRICA

Sérgio Rodrigues de Souza

Instituto Educacional Athena - Serra - ES.

Liliane Rodrigues de Araújo

Instituto Educacional Athena - Serra - ES.

RESUMEN: Este artículo aborda la temática involucrando 'la lectura inmagética virtual ideológica y globalizada de África' que se tornó en verdad absoluta la descripción que se hace del continente desde la llegada de los primeros colonizadores ahí. Tiene relevancia científica la discusión en alto nivel acerca de que África se debe ocupar la Academia cuando toma para sí la responsabilidad de formar los maestros que van enseñar a los niños y muchachos de la educación básica acerca del tema de cultura e historia de África. Asume como relevancia social el papel de traer para el conocimiento de la población los mitos y los preconceptos que involucran la enseñanza de asuntos ligados, directa e indirectamente, a África y su pueblo, bien como a su cultura mística, política, religiosa y social. Tratase de un artículo bibliográfico, factual, exploratorio, analítico, siendo como método de investigación-interpretación el analítico-sintético-sintético-analítico. Tiene como objetivos hacer una relectura de los principios que nortean el trabajo del maestro de historia y cultura afro para clases de educación básica bien como tentar entender cuáles son las

bases epistemológicas que le dan soporte para hablar de África. Llega-se a la conclusión de que la enseñanza de este asunto requiere un amplio planeamiento y mucho estudio en conjunto con preparación sociológica y filosófica por parte de quien venga a ejercer la cadera de maestro de tal disciplina, no importando en qué nivel esteba a trabajar.

PALABRAS-CLAVE: Historia y Cultura de África; Enseñanza; Educación.

ABSTRACT: This article deals with the theme involving 'the virtual, ideological and globalized, imaginative reading of Africa' that became absolutely true the description that is made of the continent since the arrival of the first settlers there. The high-level discussion about Africa's involvement in the Academy is of scientific relevance when it takes on the responsibility of training the teachers who will teach children and boys of basic education about the subject of culture and history in Africa. It assumes as social relevance the role of bringing to the knowledge of the population the myths and preconceptions that involve the teaching of issues linked, directly and indirectly, to Africa and its people, as well as to its mystical, political, religious and social culture. It is a bibliographical, factual, exploratory, analytical article, with the analytical-synthetic-synthetic-analytical method as research-interpretation method. Its

objectives are to make a rereading of the principles that guide the work of the Afro history and culture teacher for basic education classes, as well as to try to understand the epistemological bases that support it to speak about Africa. It is concluded that the teaching of this subject requires a broad planning and a lot of study in conjunction with sociological and philosophical preparation on the part of those who come to exercise the teacher's hip of such discipline, no matter at which level they were to work.

KEYWORDS: History and Culture of Africa; Teaching; Education.

1 | INTRODUCCIÓN

Construir una imagen de una situación es una tarea no mucho complicada y que puede ser hecha con cierta facilidad considerando la era contemporánea en que los medios de comunicación de masa colaboran para la difusión y cristalización en la mente de las personas. Pero, desarrollar una imagen ilusoria de un continente entero, un pueblo, una nación y una historia y sostenerla por más de 5 (cinco) siglos hay que realizar una obra de amplio impacto e imposición de ideas, bien como tomar el cuidado de destruir todo el legado cultural que este pueblo pueda poseer con el fin de que la propia historia tenga condiciones de probar que las ideologías y mentiras sean comprobadas como verdades absolutas.

La destrucción de los registros culturales de los africanos de la región sur del África tuvo como interés la creación de un modelo de explotación humana y de los recursos de la tierra sin que la historia ejerciese una acción condenatoria contra los blancos que ahí llegaron y las civilizaciones imperialistas. La táctica dio cierto porque hasta hoy, después de tantos años de propaganda ideológica, la imagen internalizada que se tiene acerca del África y de su pueblo es de la más absoluta miseria y retroceso económico-cultural, y el peor es que dejó una impresión de que ellos mismos son los culpados por su condición.

El trabajo de desconstrucción del África y su pueblo es una acción conjunta de los medios de comunicación en masa, el cristianismo, artistas de suceso y gobiernos occidentales interesados en continuar a mantener un sistema de explotación económica y de imposición cultural sobre una cultura amplia y de memorable historia de construcción de otras civilizaciones al redor del mundo, destacando, la brasileña con todo su desarrollo histórico, cultural y económico.

2 | LA ENSEÑANZA DE HISTORIA DEL ÁFRICA EN LAS ESCUELAS BRASILEÑAS

Toda enseñanza parte de una postura ideológica y de conocimientos previos oriundos de una formación estructural de carácter epistemológico cuyo objetivo es crear una imagen de determinado objeto, *a priori*, individual y después colectiva en que no más importa se tal condición condice o no con la realidad, porque las intenciones son despertar o patético en aquellos que oyen las historias y miran las figuras recortadas,

teniendo en cuenta que no tiene el menor interés en mostrar lo que es y sí el que interesa para determinado fin.

Esto es el que ocurrió con la enseñanza de historia y la cultura de África en las escuelas brasileñas, donde la imagen importada es creación de agentes misioneros cristianos, de comerciantes de esclavos, de personas sin el menor preparo científico antropológico que al unirse todos estos elementos produjo una idea construida de que el continente y su pueblo son sinónimos de atraso cultural, científico, personal y retroceso económico. Todo este aparato fue producido con un único fin que era justificar la esclavitud que fue impuesta sobre este pueblo y la explotación de la riqueza natural de sus tierras el que de esta forma podrían decir que estaban a ayudarlos a tornarse civilizados (*sic*), porque jamás irán decir que van invadir para expropiar los bienes ajenos, pero, para contribuir para el desarrollo de la nación.

Una vez cuestionaron a Mahatma Gandhi se era su sueño que la India se tornase una potencia económica, al que respondió que no, tomando como ejemplo la Inglaterra que necesitó destruir todo un continente para tornarse una potencia, luego, se la India tomase el mismo rumbo cuantos continentes no tendría que expropiar de sus bienes a fin de ser tal y cual su carrasco. Y volvemos al continente africano que al llegar los primeros hombres blancos estos no eran científicos ni mucho menos preparados para comprender un sistema cultural ya constituido con una amplia producción intelectual y un sistema político-económico y religioso, ampliamente, organizado.

Así podemos distinguir los primeros hombres extranjeros que pisaron en solos Africanos como siendo incapaces de hacer lecturas fieles acerca del sistema y luego lo tradujeron como bárbaro y absurdo del punto de vista religioso y el que los llamó la atención fue sus riquezas que habían en cantidades impresionantes. Luego después llegan los misioneros con la misión de destruir la religión africana e implantar un sistema de enseñanza que en nada tenía que ver con las creencias de estos individuos que junto con esto cuidó de modificar todo un sistema de valores y sus modos de ver la realidad de las cosas. Y, esta es la parte más interesante porque hasta hoy es enseñado en las escuelas brasileñas que estos asesinos estaban a llevar la salvación a los africanos que se encontraban en los caminos de la oscuridad y esto elimina cualquier juicio que se piense en hacer con relación a la violencia simbólica impuesta sobre ellos.

Enseñar la historia y la cultura de África exige que el maestro se involucre en el espacio del tiempo que antecede a la llegada del blanco europeo a sus tierras y después en el vacío oscurecido por las manos de historiadores que lucharon para crear una imagen del continente y de su nación como creaturas inferiores a fin de justificar la explotación irracional llevada a efecto por siglos a fio por el continente europeo. Pero esta es una tarea muy difícil porque la formación del maestro ya inserta en su espíritu una carga de preconceitos que impídele de producir una visión amplia y o más neutra¹ posible del objeto de su estudio y explanación.

1 Por neutra, aquí, haga comprender, *científica*. (Nota de los autores)

En las escuelas brasileñas de enseñanza básica se trata de África como siendo un país miserable, perdiendo de vista que es un continente, donde la miseria y el hambre son los cartones postales de divulgación que deben ser mirados y tales imágenes internalizadas porque todo esto ayuda a justificar la interminable explotación de los países imperialistas sobre el continente y su pueblo, porque la propaganda muestra estos mismos usurpadores llevando comida, agua y esperanza a los niños, chicas y demás personas imposibilitadas de ejercer su ciudadanía de derecho. Esta es una de las tantas lecturas ideológicas virtuales que fueron construidas acerca de África y su pueblo y que con tanto esmero es enseñada en las escuelas de educación básica en Brasil.

Como forma de justificar la esclavitud de los negros afro descendentes durante siglos en el nuevo mundo se cuenta que en su país ya era común el uso del proceso cuando los portugueses, en especial, inician el comercio de negros como esclavos para el trabajo forzado en las colonias al redor del mundo. Sin embargo, hay que tener en cuenta las circunstancias culturales en que tal situación ocurría en que estaba insertada en todo un contexto histórico particular que, para eles, no representaba una condición de infelicidad porque su espíritu guerrero ya era direccionado para enfrentar tal destino. Pero, tal lectura de las dimensiones inter culturales de los nativos del África no puede ser alcanzado por medio de un simple estudio realizado siendo como fuente de análisis materiales producidos por quien desea mantener una imagen virtual, única y global acerca de determinado objeto.

3 | LA IMAGEN GLOBALIZADA DEL ÁFRICA Y SU RESPECTIVA LECTURA

Una imagen distorsionada de un objeto no podría sobrevivir por muchos años, una vez que nos encontramos en la era de la comunicación globalizada, mecanismos de confrontación con la verdad y capaces de derribar una mentira en pocos segundos. Esto bien que puede ser visto como una realidad virtual; pero no factual, porque fue creada una mirada sobre el África y todos solamente comparten de esta visión, como se fuese la única disponible, el único ángulo del cual es posible mirar aquello que no existe, de hecho.

Por lo tanto, la imagen globalizada de África y de su pueblo es de la más absoluta miseria personal, el que despierta sentimientos de conmoción y angustia, indignación y también de inercia una vez que estamos tan lejos de ellos y nadie podemos hacer. Sin embargo, surgió una manera de poder ayudarlos y contribuir para minimizar su dolor, que es por medio de las campañas de auxilio para los chicos y chicas de África, que sea, consumiendo un determinado producto en una red de logias de capital norteamericano parte de esta renta será destinada a los chicos del África septentrional.

Todo un aparato cultural fue desarrollado para conmover el individuo tomando como papel de pared una imagen fuerte de una nación que continua siendo víctima

de la ganancia de los capitalistas imperialistas y de la ignorancia y falta de preparo técnico de los maestros en las academias y escuelas de educación básica. Otra lectura producida/inducida por los gobiernos es la de que el pueblo debe parar de reclamar de su suerte porque hay personas en condiciones peores que a nuestra y luego después de esta habla reproducen las imágenes que, junto el impacto de las palabras y las cenas, hace despertar un complejo de culpa por no estar satisfecho con sus condiciones, que en muchos casos son de pobreza absoluta o de miseria relativa, el que nos conduce a tener con absoluta certeza que todo este mecanismo de manutención de la imagen virtual de un continente miserable tiene como objetivo principal la manutención de la explotación de mano de obra al redor del mundo y la ostentación de riquezas por un grupo oligarca plutócrata.

Todo esto conduce a una lectura inmagética y, entiéndase esto como una imagen creada a partir de la imaginación fértil alimentada por discursos bien orientados que, con el tiempo, trasmutase en una imagen mental sólida característica que al ser accionada va a producir una respuesta objetiva; un concepto referente a la imagen y a la imaginación donde el individuo puede, partiendo de la visualización de la imagen ofrecida internalizarla, confiriéndole un concepto concreto o aún en la ausencia de una sustancialidad concreta, conferirle un concepto abstracto, partiendo de su capacidad cognitiva y/o intelectual (SOUZA e MÁRIO, 2014). Una mentira contada muchas veces puede ser tomada como una verdad, pero, en su esencia continua a ser una mentira; sin embrago, su fuerza es tan grande que tornase capaz de dispensar hasta el acto de pensar, generando conmociones, piedades, en fin, hipocresías. Y, el más interesante es que ninguna persona toma una posición de combate a tales condiciones de dominación, ni mismo los centros de formación humana, por excelencia.

4 | UNA APROXIMACIÓN ACERCA DA COLONIZACIÓN EN SUELOS AFRICANOS

Esta es otra cuestión que ayuda a alimentar el imaginario esquizofrénico de que los blancos eran más poderosos, inteligentes y capaces que los negros, una vez que los dominaron, transformándolos en colonos y esclavos. Esto sería hasta tentador de acreditar no fuese la historia nos contar la estrategia de control e intimidación utilizada por los ingleses con el intento de conseguir la colaboración pacífica de los nativos.

En África, es común que los hombres salgan para la caza y para combatir en las guerras tribales, quedando en estas jornadas por, hasta, 3 (tres) meses consecutivos. En cuanto esto, las mujeres quedan en casa cuidando de los hijos y administrando los negocios y los bienes del casal. Los mercenarios hicieron todos como rehenes y cuando los hombres llegaron, fue hecho un acuerdo en que se trabajasen para los blancos trayendo metales preciosos y no se rebelasen contra ellos, mantendrían los parejas e hijos con vida, por el contrario, matarían a todos. Tal tortura psicológica fue seguida de la destrucción de sus bibliotecas junto con el acervo, destrucción de sus

templos religiosos, su fe y sus dioses, construcción de escuelas en que enseñaban cosas e historias de blancos, héroes de otras naciones, costumbres extraños y además la superioridad de la raza blanca.

No demoró mucho para que todo el que se conoce de África fuese la verdad dada por los colonizadores-explotadores, la cual se encuentra ya tan fuertemente arraigada en la mente que basta decir el nombre del continente que la imagen virtual ideológica asoma a la mente con una velocidad que llega a causar espanto. Y el más intrigante es que una nación, históricamente libre e independiente tuvo que [re]conquistar su libertad a un costo de muchas vidas inocentes y una pérdida sin precedentes de su autonomía, en todos los campos.

El mayor crimen cometido contra el África no fue tan meramente la destrucción de su cultura, sino la construcción sobre sus cenizas de un perfil inmagético globalizado de cultura retrógrada, sin formación humanística, profana y peor, implantó en su seno el preconceito de color de la piel, al cual dieran el nombre de racismo. Sin embargo, ¿cómo puede haber preconceito de raza se todos son de la misma origen racial? Lucien Lévy-Bruhl (2012) cuenta que cuando nació el primero niño africano hijo de ingleses los nativos no los consideraban como siendo africano porque era blanco y José D'Assunção Barros (2009) relata que antes de la llegada de los colonizadores no había el concepto de color entre los nativos del continente.

El concepto distintivo tiendo como elemento de valor el color de la piel se graduó y se transformó en motivos de guerra conduciendo el país a un movimiento separatista entre blancos y negros que aún hoy deja sus marcas indelebles en toda la cultura y en todos los ámbitos políticos y sociales. Contribuyendo para amenizar los conflictos de consciencia los cristianos dicen que el pueblo sufre por causa de sus creencias profanas, como se por el simples facto de adoptaren la religión cristiana como su fe todos los problemas serian resueltos de la misma forma que ocurre en Hollywood o en los cuentos de hadas. Por fin, tiene que el problema mayor de África y su pueblo es la divulgación de una imagen destorcida que guarda en sus fondos la intención de mantener un sistema de expropiación al costo del silencio de todo el resto del mundo.

5 | CONSIDERACIONES FINALES

Las intenciones con este artículo-ensayo fue hacer una reflexión que involucrase la imagen que tenemos y hacemos, diariamente, acerca del continente africano y su pueblo. Tal construcción no puede ser elaborada sin un mínimo de interés ideológico y ni mantenida si muchas personas no tuviesen ganando mucho con todo esto y también, gastando una buena cuantía en propaganda, programas de formación, control y estrategia educativa.

Pocas son las personas que cuestionan como era todo en este continente antes de la presencia del hombre blanco y toda su ideología eurocéntrica. Pasados más de 5

(cinco) siglos de devastación de una cultura, la historia continua a punir los agredidos, a masacrarlos de manera virtual y a exaltar el agresor, factualmente. No solamente el pueblo del África tiene sido asolado por la invasión blanca; los animales, también; primero por los cazadores de presas y trofeos; después por los canales de televisión, que, bajo la excusa de ayudar a proteger la fauna y flora africanas tienen dejado los animales neuróticos, perturbando un ecosistema que era, a su modo, perfecto y equilibrado, hasta la llegada de un huésped no bienvenido, munido de un discurso de salvación de alguien que no solicitó ayuda alguna para ser salvo, hasta porque su salvación sería la desocupación del hombre del continente.

La invasión desordenada de hombres blancos cambió muchos hábitos alimentares, de reproducción, descanso y migración de animales silvestres, sin contar que algunos de estos animales son considerados como sagrados para los nativos; consecuentemente, su exterminio conduce a una pérdida de motivación, pelo nativo ante la vida, una vez que su tótem ya no existe más. Este sentimiento es divulgado por la imprenta, en diversos medios como idolatría, una acción contestada y combatida por la religión cristiana. Pero, no hay que misturar la fe con la enseñanza científica de las cosas, hay que buscar desarrollar una consciencia de aprendizaje acerca de aquello que de facto pueda ser comprobado como verdad y que permita la construcción de un mundo más ético, armónico y de respeto a las otras culturas y sus costumbres.

Con todo el expuesto se tentó comprender como que un maestro enseña a sus estudiantes un asunto de tan alta complejidad teniendo como fuente confiable una reproducción de una lectura suya acerca de un determinado objeto, pero, que no es suya porque le fue transmitida así, de manera virtual, llena de ideologías y que es compartida con y por todos. Solamente existe una manera de enseñar algo tan complejo sin cair en armadillas ideológicas que es revelando la relación entre los aspectos internos y externos del objeto, causas y consecuencias y tiendo la ciencia erudita como principio y fin del conocimiento. Así hecho, irá tornarse posible encontrar formas por medio de las cuales se podrá crear nuevas relaciones entre los saberes que pueden ser aprendidos por medio de búsquedas más profundizadas y menos relativistas cuando tratarse de elaborar planos de acción e intervención didáctica relacionados al tema. Hasta que esto sea colocado en práctica y se transforme en una praxis curricular, continuaremos a hacer una lectura inmagética, virtual ideológica y globalizada de África.

REFERENCIAS

SOUZA, Sérgio Rodrigues de; MÁRIO, Júlio Cezar Merij. *Um estudo Sobre Emoção e Aprendizagem Intelectual*. Vitória: JRPRINT LTDA., 2014.

LÉVY-BRUHL, Lucien. *A Mentalidade Primitiva*. São Paulo: Paulus, 2012.

BARROS, José D'Assunção. *A Construção Social da Cor – Diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2009.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-092-6

